

# **Jornalismo Literário de Viagem: Jornalistas brasileiros flanando pelos Estados Unidos**

## **Literary travel journalism: brazilian Journalists to stroll by the United States**

### **Eduardo Ritter**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Santa Maria, RS, Brasil

### **Thâmara Roque dos Santos Sousa**

Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (Cintep).  
João Pessoa, PB, Brasil.

## Resumo

O *flâneur* é uma figura que caminha ociosamente e inteligentemente por ruas em deslocamentos urbanos. Muitos jornalistas, ao escreverem livros-reportagem de viagem, acabam se tornando, mesmo que inconscientemente, uma dessas figuras. A partir de levantamento feito de obras produzidas por jornalistas brasileiros em viagens internacionais foram identificados cinco livros de autores transitando pelos Estados Unidos. Percebe-se que, mesmo tendo sido escritas em épocas distintas (entre 1941 e 2015), elas apresentam alguns traços em comum, dentre eles, a narrativa autobiográfica com reflexões sobre os lugares visitados, em deslocamentos feitos de maneira totalmente diferenciados na comparação com o turista comum: flanando pelas ruas e conhecendo de maneira mais próxima a cultura do país visitado.

## Abstract

The flâneur is a figure who wanders idly and cleverly the streets in urban displacements. Many journalists who write travel books become, even unconsciously, one of these figures. Based on a survey of works produced by Brazilian journalists on international journeys, this research identified five books of authors in transit through the United States. Although they were written at different times (from 1941 to 2015), the analysis shows that they present some common traits, among them the autobiographical narrative with reflections on the places visited, in displacements made in totally different ways in comparison with the common tourist: walking along the streets and knowing more closely the culture of the country visited.

## Palavras-chave

jornalismo literário de viagem; *flâneur*; jornalista brasileiro; Estados Unidos; livro-reportagem.

## Keywords

literary travel journalism; flâneur; Brazilian journalist; U.S.A.; book-report.

## Que todos tenham uma boa flanada

Um jornalista e escritor gaúcho que faz uma visita de três meses aos Estados Unidos, após uma viagem de navio do Rio de Janeiro a Nova York no início dos anos 1940, e janta com um dos maiores cineastas de todos os tempos: Orson Welles. O nome dele é Erico Verissimo que, anos mais tarde, ainda em meio a Segunda Guerra Mundial, retorna para o país para lecionar em uma universidade durante dois anos e, entre uma flanada e outra, acaba recebendo o título de doutor em Literatura. Dessas duas passagens por solo americano, surgem as obras: *Gato preto em campo de neve* e *A volta do gato preto*.

Anos depois, já no século XXI, outro jornalista gaúcho também escreve uma narrativa de viagem para contar sobre as suas andanças por Nova York: Airton Ortiz, com o seu *Nova York*. Já o jornalista carioca Dodô Azevedo parte para a terra do Tio Sam para refazer a Rota 66, consagrada em *On the road*, por Jack Kerouac. Dessa experiência o autor publica *Fé na estrada*. Por fim, o correspondente brasileiro da TV Globo nos Estados Unidos, Rodrigo Alvarez, parte para a estrada logo após a primeira eleição de Barack Obama, em 2008. Durante 15 dias de viagem ele vai a fundo ao interior do país para entender um pouco mais sobre a cultura interiorana americana. Dessa aventura, que resultou em uma série de reportagens para a emissora brasileira, também nasce o livro *No País de Obama*.

São esses cinco livros, que no presente artigo são abordados como livros-reportagem viagem (Lima, 2004), o objeto de estudo desta pesquisa, que visa responder à seguinte questão: que características apresentam obras escritas por jornalistas brasileiros sobre os Estados Unidos, maior potência econômica do mundo e uma das principais referências em política e cultura para a América Latina? A partir disso, objetivando identificar e interpretar tais obras optou-se pela utilização de métodos de pesquisa abertos, que seguem as orientações de

Machado da Silva: "As lentes dos jornalistas e dos pesquisadores ampliam ou reduzem o observado de acordo com o grau de interesse do observador, do seu ângulo de visão e da sua grade de percepção" (Silva, 2011, p.16). Destarte, ressalta-se que os aportes metodológicos são utilizados conforme a etapa da pesquisa, que se caracteriza, principalmente, pelo seu caráter descritivo. "As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis" (Gil, 1994, p.45). Também são utilizados os conceitos de *flânuer* recuperados por Frandoloso (2017), afinal, o presente texto não deixa de ser uma flanada pelas ruas e estradas do Jornalismo Literário.

Iniciando o passeio, primeiramente é abordada a história e o conceito de Livro-Reportagem Viagem, na classificação de Lima (2004) e de Jornalismo Literário de Viagem, na de Martinez (2016). Posteriormente é feita uma breve apresentação dos autores dos livros pesquisados para, em um terceiro momento, analisar e interpretar as semelhanças e diferenças das narrativas das cinco obras escritas pelos quatro jornalistas brasileiros em viagem aos Estados Unidos.

Por fim, ressalta-se que o presente artigo pertence a um estudo mais amplo sobre a temática, sendo resultado dos trabalhos desenvolvidos no projeto de pesquisa intitulado "Jornalismo literário de viagem: narrativas de jornalistas transitando pelo mundo", coordenado pelo autor junto ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen-RS. Assim, esse texto se junta a outros, como o que tratou da obra *Israel em abril*, apresentado no 14º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) de 2016 e posteriormente publicado na Revista Tráide, da Universidade de Sorocaba (Uniso), e também ao texto *Jornalismo Literário de Viagem Internacional: Um Panorama do Cenário Brasileiro*, apresenta-

do no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul) de 2017.

## **Flanando pela história e pelos conceitos do Jornalismo Literário de Viagem**

Dentro dos estudos sobre Jornalismo Literário, um conceito tem ganhado força nos últimos anos: o de Jornalismo Literário de Viagem. Alguns autores apresentam reflexões iniciais sobre a temática, como Martinez (2016) e Lima (2004). A primeira autora aborda os relatos de trânsito humano feitos por jornalistas, salientando que após a consolidação do Jornalismo como profissão em meados do século XIX, diversos jornalistas, que também eram escritores, passaram a publicar no formato de livro o “excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (Martinez, 2016, p. 80). A pesquisa da autora, entretanto, não se limita ao formato livro, também incluindo vídeos, revistas, jornais e outras plataformas midiáticas.

Lima (2004), por sua vez, apresenta uma proposta de classificação para os livros reportagens. Dentre as 13 categorias mencionadas, uma delas chama-se livro-reportagem-viagem. Esse tipo de produção se caracteriza como Jornalismo Literário de Viagem. Conforme o mesmo autor, nesse tipo de texto o foco principal do jornalista é uma viagem para alguma região específica do mundo, “o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local” (Lima, 2004, p.58). Diferentemente do relato turístico, a narrativa do jornalista apresenta técnicas profissionais de escrita, que são fundamentais para a produção de uma obra jornalístico-literária.

A partir dessas duas perspectivas, Ritter, Paula, Marques, Cabral, Vilanova e Andrade (2017) apresentam uma proposta de conceito para o Jornalismo Literário de Viagem. Conforme os autores, esse tipo de produção inclui apenas obras que tem

o trânsito do jornalista em primeiro ou segundo planos, ou seja, não estão inclusas bibliografias em que o jornalista viaja para determinado lugar para apurar uma pauta, mas em que a viagem não é mencionada ou praticamente não aparece na narrativa, como no clássico *A sangue frio*, de Truman Capote, por exemplo. No citado caso, o jornalista viaja para o interior do estado americano do Kansas para reconstituir a história do assassinato da família Clutter, mas praticamente não menciona o seu próprio deslocamento no romance de não ficção. Na perspectiva dos autores:

Vale ressaltar também que jornalismo literário de viagem apresenta perspectivas diferentes da ficção literária, como também não se restringe no que é visto cotidianamente na prática do jornalismo diário ou comercial, apesar de não se desprender do viés literário que intrinsecamente horizontaliza a disparidade do real com o que é fantasioso (RITTER; PAULA; MARQUES; CABRAL; VILANOVA; ANDRADE, 2017, p. 6).

Ou seja, tanto no deslocamento do jornalista e na narrativa sobre tal ação, o jornalista busca romper as suas limitações geográficas, interagindo com os elementos socioculturais do local onde ele se encontra e transmitindo isso ao leitor durante a narrativa. Vale ressaltar que, para isso, não há regras para a seleção dos episódios que vão ser inseridos no enredo, afinal, “diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias” (Belo, 2006, p.14). O jornalista e escritor Ruy Castro, por exemplo, em entrevista concedida ao diretor da Revista Imprensa, Sinval de Itacarambi Leão, destaca que, quando parou de trabalhar em redações, em 1988, não o fez por opção, mas sim, por necessidade: “Nunca fiz essa opção. No começo de 1988 comecei a ter ideias que não cabiam mais em um jornal nem em revista porque exigiam muito mais espaço” (Leão, 2017, p.21), destacou o escritor, salientando que o livro

era a melhor alternativa para ele contar tudo o que tinha a dizer.

Nesse gênero, o jornalista não apenas narra, mas compartilha as experiências vividas com o leitor. “Desde os textos bíblicos as narrativas de viagem se fazem presentes na literatura universal. De Moisés cruzando o Mar Vermelho, às epopeias de Homero, há personagens que viajam por cidades, países e, anos mais tarde, continentes” (Ritter, 2016b, p.166). E como a narrativa sobre essa viagem acaba resultando em um texto diferenciado, por exemplo, daquele que objetiva a divulgação turística das localidades visitadas pelo jornalista? Para responder tal pergunta, vale a pena ser conferida a pesquisa feita sobre a história e o conceito de *flâner* por Frandoloso (2017) em *O flâner e as ruas*. Nessa obra, o autor propõe um passeio pelas ruas acompanhado de fotógrafos que se inspiraram em andanças não planejadas pelas cidades para registrar imagens em seus trabalhos, partindo do princípio de encontrá-las ao acaso. Destarte, no presente artigo, mais adiante, observar-se-á os acontecimentos registrados nas narrativas, no formato texto, que também foram encontrados inesperadamente pelos jornalistas-narradores em suas viagens feitas aos Estados Unidos em diferentes períodos.

Para o *flâner*, perfeito, para o observador apaixonado, eleger domicílio no meio da multidão no inconstante, no movimento, no fugitivo e no infinito, constitui um imenso gozo. Estar fora de casa e, no entanto, sentir-se em todo o lado em casa; ver o mundo, estar no centro do mundo, e permanecer escondido do mundo, tais são alguns dos pequenos prazeres destes espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a língua apenas pode definir de um modo imperfeito (BAUDELAIRE apud FRANDOSO, 2017, p.120).

Essa frase do poeta francês, recuperada pelo pesquisador brasileiro, reflete bastante o espírito

do jornalista-viajante que deixa o seu país para tentar descobrir um pouco mais sobre o que acontece em outros lugares, buscando a onipresença através de seu texto. Conforme Frandoloso (2017, p.121) o termo surge no século XIX para designar “uma nova experiência urbana, proporcionada pelo crescimento desenfreado das grandes cidades europeias”. Essa figura, chamada de *flâner*, anda pelas ruas ociosamente buscando os significados da modernidade. E, de certa forma, é o que os jornalistas brasileiros que viajam para os Estados Unidos buscaram retratar em seus livros: através de andanças feitas praticamente ao acaso, eles tentam encontrar significados ocultos que não são tão conhecidos do leitor brasileiro.

### **Flanando pela vida dos autores**

A produção de livros-reportagem viagem por jornalistas brasileiros não chega a ser uma criação contemporânea, porém, como apontam Ritter, Paula, Marques, Cabral, Vilanova e Andrade (2017) em estudo intitulado *Jornalismo Literário de Viagem Internacional: Um Panorama do Cenário Brasileiro*, a especialização nesse tipo de produção cresceu a partir do século XXI. Conforme levantamento dos autores, de um universo de 99 obras com narrativas de viagem escritas por jornalistas brasileiros e estrangeiros publicadas em língua portuguesa por editoras nacionais, 60 caracterizam-se como livros-reportagem de viagens internacionais. Ou seja, essas obras sobre trânsito humano foram escritas a partir do deslocamento do jornalista para outro país, que não o seu de origem. E, dessas 60 obras, escritas por 35 jornalistas, cinco tem como destino os Estados Unidos. Porém, a forma de produção e os motivos das viagens de cada um dos quatro jornalistas que escreveram esses livros foram os mais variados.

Cronologicamente, os dois primeiros livros são do jornalista e escritor Erico Verissimo. O romancista nasceu em 1905 em Cruz Alta-RS e faleceu

em 1975, em Porto Alegre. De acordo com Ritter (2016), apesar de ficar conhecido como ficcionista, Verissimo teve uma longa trajetória no jornalismo, que inclui trabalhos na redação da Revista e Editora do Globo que lhe renderam a vitória na primeira eleição para a presidência da Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI), em 1935. Apenas a partir da década seguinte é que Verissimo passa a se dedicar integralmente à literatura. “Já a partir de 1940 Erico Verissimo passa a dedicar praticamente todo o tempo à produção de livros, e no mesmo ano lança *Saga*” (Ritter, 2016, p.52). Logo após essa publicação, Verissimo lança o primeiro de seus quatro livros de viagem: *Gato preto em campo de neve*, publicado em 1941. Em 1946, ele publica *A volta do gato preto*. Essas duas obras são sobre viagens feitas pelo escritor aos Estados Unidos, detalhadas mais adiante. Seus outros dois livros de viagens são: *México*, publicado em 1957, e *Israel em abril*, de 1969.

Outro jornalista gaúcho que escreveu sobre os Estados Unidos foi Airton Ortiz, autor de *Nova York*. Formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ele se destaca nesse tipo de produção, pois de 1999 até 2016 ele publicou um livro de viagem por ano, totalizando 18 publicações feitas pelo jornalista, escritor e fotógrafo. Ortiz (2015), que nasceu em Rio Pardo-RS em 1954, se autoproclama o criador do gênero jornalismo de aventura, já tendo vencido o Prêmio Ari de Jornalismo Cultural.

Luiz Fernando Azevedo, mais conhecido como Dodô Azevedo, é jornalista desde 1998, atuando em jornais como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, e também trabalhando como professor de Literatura e Filosofia, escritor e músico (Azevedo, 2012). *Fé na estrada – seguindo os passos de Jack Kerouac*, que resulta de viagem feita pelo autor logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, é o único livro com narrativa de viagem publicado pelo jornalista, que viajou para os Estados Unidos para tentar resgatar o espírito da

geração *beat* dos anos 1950 e 60 e que foi consagrada por três escritores americanos da época: Jack Kerouac, Alan Ginsberg e William Burroughs. “Se a *beat* teve Ginsberg e Kerouac como portavozes, teve Burroughs como orientador” (Willer 2010, p. 47). Textualmente, Willer (2010) ressalta como característica principal dos *beats* a fusão entre três esferas importantes da literatura, mas que geralmente estão separadas umas das outras: a produção simbólica, os acontecimentos cotidianos e os acontecimentos históricos e sociais. Tudo isso em uma narrativa de fôlego, mesclando ação, emoção, reflexão e o sonho e busca por algo perdido. Azevedo, por sua vez, encontrou a própria geração *beat* algo perdido que ele foi tentar encontrar em território norte-americano.

Por fim, o quarto jornalista a escrever um livro-reportagem de viagem sobre os Estados Unidos é Rodrigo Alvarez (2009), repórter da Rede Globo. Em 2008, em meio às eleições que levaram Barack Obama pela primeira vez à Casa Branca, o jornalista e um cinegrafista da emissora caíram na estrada para produzir uma série de reportagens para o *Jornal da Globo*. Como boa parte das histórias captadas pelo repórter não couberam no reduzido espaço da televisão aberta, Alvarez acabou encontrando no livro-reportagem uma maneira de contar com maior profundidade as diversas situações vividas por ele e seu colega de equipe nos 17 dias de deslocamentos pelo país. Além dessa obra, Alvarez, nascido em 1974, tem mais um livro contendo suas andanças pelo mundo como foco narrativo: *Haiti, depois do inferno*, de 2010.

Feita essa breve apresentação da biografia de cada um dos quatro autores analisados, são analisadas, descritas e comentadas as cinco obras. Como pode ser percebido ao longo do próximo item, cada uma delas têm suas particularidades, no entanto, todas apresentam um ponto em comum: o espírito *flâneur* de seus autores.

## Flanando com Erico Verissimo, Dodô Azevedo, Airton Ortiz e Rodrigo Alvarez

Em uma manhã de 1940 o cônsul dos Estados Unidos em Porto Alegre entrou no gabinete de trabalho de Erico Verissimo para convidá-lo para uma viagem de três meses para visitar os Estados Unidos. A partir dessa viagem, Verissimo publicou *Gato preto em campo de neve*. Mesmo sem ter tido a intenção de escrever um livro-reportagem, o texto do jornalista e escritor acaba se enquadrando como uma narrativa biográfica de trânsito humano da proposta de Martinez: “Com a consolidação do jornalismo no século XIX, muitos jornalistas-escritores publicam em livros-reportagens o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (Martinez, 2016, p.80). Foi exatamente isso que Verissimo e os outros autores analisados neste artigo fizeram.

Em sua narrativa, Verissimo começa relatando as histórias vividas por ele desde a partida do Rio de Janeiro em um navio chamado *Argentina*, passando pela chegada em Nova York e por viagens feitas a outras cidades e estados do país, até o retorno ao Brasil. Na narrativa, Verissimo não faz um texto propagandístico dos Estados Unidos, mas sim, conta em primeira pessoa o que ele fez, elogiando e criticando o referido país da América do Norte. Outra característica, possivelmente herdada do seu trabalho como jornalista na década anterior, é a habilidade em descrever lugares e situações, como, por exemplo, quando ele conta como é almoçar em um restaurante nova-iorquino: “Não há mesa vaga? Sentamo-nos junto de algum outro freguês, o qual nem sequer ergue os olhos para olhar a cara do recém-chegado” (Verissimo, 1996b, p.67). Além disso, ele também escreve sobre a história das cidades por onde passa e dos personagens que conhece ao longo do passeio. A cidade urbana, aliás, é o *habitat* natural do *flâneur*, que anda pela rua a procura do inesperado. “Qualquer cidade é composta em parte por sua materialidade e parte pelo imaginário que

aguça cada habitante. Portanto, elas só podem existir enquanto narrativa” (Frاندoloso, 2017, p.111). Nesse sentido que Verissimo atua como um *flâneur*: ele é o sujeito que anda ociosamente pelas cidades na busca pelo inesperado.

Em diversos trechos da narrativa, Verissimo está flanando pelas cidades americanas e, a partir desses passeios sem um objetivo específico ou destino certo ele apresenta as suas impressões e descrições do que é visto, como no seguinte trecho, em que o escritor está flanando por Nova York:

Passo pelo Columbus Circle. Um orador popular está falando contra Roosevelt. “Não temos nenhum interesse em ajudar os plutocratas a ganhar esta guerra” – berra ele. Alguns homens o escutam em silêncio. Outros apenas olham e passam de largo. Policiais passeiam indiferentes pelos arredores. Estão aqui para garantir ao orador a liberdade de expressão. Mais adiante outro discursador clama contra os bárbaros e concita a América a pegar em armas em defesa da democracia. Raro é o dia em que não há no Columbus Circle um comício popular (VERISSIMO, 1996b, p.187).

Vários dos temas abordados por Verissimo nesse primeiro livro voltam à tona anos mais tarde, quando ele retorna para os Estados Unidos, dessa vez para ficar no país por dois anos (1943-1945). As duas passagens de Verissimo por solo americano que resultaram na publicação de livros nasceram a partir de convites feitos pelo governo estadunidense, que estava em meio a Segunda Guerra Mundial e tinha como política levar escritores e artistas latino-americanos para conhecer a sua política e seus ideais.

A *volta do gato preto*, assim como a primeira obra de viagem de Verissimo, também se caracteriza como Jornalismo Literário de Viagem, principalmente se considerarmos que “o jornalismo literário apresenta-se como uma alternativa a esse caminho tomado pelo jornalismo hegemônico” (Borges,

2013, p.181). Ou seja, o jornalista encontra no formato livro um espaço e uma liberdade muito maior para apresentar ao leitor o que acontecia nos Estados Unidos em meio a Segunda Guerra Mundial do que encontraria em um jornal, revista ou programa radiofônico, que eram os principais veículos de comunicação da época.

Nessa narrativa, Verissimo reside nos Estados Unidos por dois anos acompanhado da esposa Mafalda e dos filhos Clarissa e Luis Fernando. Já na chegada ao país, o jornalista-escritor descreve a viagem feita de Miami, aonde aterrissou, até Berkeley, na Califórnia, onde ficava a universidade em que ele ministraria aulas sobre Literatura Brasileira. Nesse livro, Verissimo também reflete sobre o seu gosto por viagens. “Quer saber duma coisa? O que sou mesmo é um viajante nato. Levei quase quarenta anos para descobrir isso” (Verissimo, 1996a, p.373). Cruzando o país da costa leste à costa oeste em um mês de viagem de trem, o autor vai refletindo sobre os estados que ficam pelo caminho, como no trecho a seguir: “Texas é um verdadeiro império” (Verissimo 1996a, p.88) e cita o bairrismo dos texanos ao ouvir de uma garçonete a seguinte pergunta: “Vieram de tão longe... para morar na Califórnia?” (Verissimo 1996a, p.90).

No total, Verissimo percorreu mais de mil quilômetros visitando mais de vinte cidades, cada qual apresentando um cenário perfeito para flanadas, afinal, o *flâner* é um “cronista da banalidade rotineira que sabe ver a cidade, que contempla as paisagens de concreto e, ao mesmo tempo, observa as festividades, os aglomerados, o desfilar das mulheres e os detalhes da moda” (Frandonoso, 2017, p.119-120). Aliás, é descrevendo um passeio em um dia qualquer, que o escritor anteciparia em três anos o título de sua obra mais famosa, *O tempo e o vento*. “O tempo passa levado pelo vento ou enrolado na bruma – às vezes lépido, outras vezes lerdo. O tempo cheira a maresia, a névoa, a eucalipto e humidade...” (Verissimo, 1996a, p. 214).

Na narrativa, Verissimo também conta como

recebeu o título de doutor em Literatura no dia 4 de junho de 1944. O título foi concedido pelo professor White Smith, presidente do Mills College, valendo-se de um direito que é concedido ao presidente pela junta administrativa da instituição. Pela relevância social dos romances escritos e dos trabalhos como professor e conferencista, Verissimo passa, então, a ser Dr. Erico Verissimo. “O Presidente White me aperta a mão e me entrega um pergaminho, enquanto um fotógrafo bate uma chapa. O ato está consumado. Boa-tarde, doutor!” (Verissimo, 1996a, p.228).

Mesmo tendo morado nos Estados Unidos por dois anos, considera-se essa uma narrativa de viagem, pois dentro do país estrangeiro Verissimo destaca ao longo do livro os deslocamentos feitos de trem, tanto sozinho quanto acompanhado pela família. Outro jornalista que residia nos Estados Unidos, trabalhando como correspondente da Rede Globo, e que escreveu uma narrativa de viagem sobre o país foi Rodrigo Alvarez, autor de *No país de Obama*.

Nesse livro, o autor apresenta um objetivo que vai ao encontro do ideal *flâner*: “A proposta era muito clara: não marcar entrevistas, fazer apenas um roteiro de viagem e ser levado pelo que acontecesse no caminho” (Alvares, 2009, p. 14). Com isso em mente, o jornalista, acompanhado de um cinegrafista da emissora, deixaram São Francisco, na Califórnia, para 17 dias depois chegar a Nova Orleans, no estado de Louisiana. “Atravessamos estradas no meio de desertos, fomos parados pela polícia, conhecemos o abandono de cidades que um dia foram o motor da economia, vimos a pobreza americana e a alegria de meninos rappers [...]” (Alvares, 2009, p.14). Independentemente do tamanho ou fama da cidade, Alvares explorou-as como um autêntico *flâner*, principalmente se considerarmos que a cidade é:

Ambiente onde ele pode experimentar emoções, sensações, paixões, onde ocorre a construção da trama social produzida por anônimos que não se

conhecem, porém se cruzam em uma mistura de sentimentos e conflitos. (FRANDOLOSO, 2017, p.123-124).

Em uma dessas flanadas, o jornalista descreve e apresenta Detroit, uma cidade que no passado havia sido apelidada de *Paris do Oeste*, e que deixou o jornalista com a seguinte sensação:

E foi assim que eu me senti quando cheguei a Detroit: uma alma perdida, tentando entender para onde haviam fugido os habitantes daquela que um dia foi a capital mundial dos automóveis; procurando alguém que me explicasse aquela imagem nebulosa do fim dos tempos (ALVARES, 2009, p.152).

Com isso em mente, o jornalista passou a flânar pela cidade, sem roteiro ou entrevistas agendadas, observando e conversando informalmente com moradores. Foram em passeios como esse feitos em diversas cidades que Alvares conseguiu ouvir frases como a de um americano de Belmonte, que revelou: "Não gosto do Obama porque é liberal... e os liberais gostam de tirar as nossas coisas e os nossos direitos" (Alvares, 2009, p.91). Já outro, nunca havia ouvido o nome do presidente americano recém-eleito.

Outro jornalista e escritor brasileiro que caiu na estrada e mergulhou no interior dos Estados Unidos foi Dodô Azevedo, autor de *Fé na estrada - seguindo os passos de Jack Kerouac*, que, como o próprio nome diz, foi escrito como um tributo ao mais famoso autor da literatura *beat*. Como sintetiza Ritter (2015), o jornalista brasileiro viajou para os Estados Unidos em 2003 para cruzar o país de leste a oeste, saindo de Nova York até chegar na Califórnia. O objetivo de Azevedo era constatar o que sobrou da literatura *beat* logo após os atentados de 11 de setembro. Acompanhado de uma amiga fotógrafa, o jornalista fez a viagem em um carro alugado. "Na tentativa de vi-

ver o espírito *beat*, Azevedo também teve a experiência de ficar sem dinheiro, tendo que conseguir qualquer trabalho que aparecesse para conseguir seguir viagem" (Ritter, 2015, p.61).

Assim como Jack Kerouac fez em *On the road*, Azevedo também encarnou o ideal *flâner* em cada cidade por onde passou, afinal, "caminhar à deriva em uma grande cidade quer dizer reconstruí-la, dotá-la de novos significados. Para cada novo caminho escolhido, uma nova cidade se configura" (Frandoloso, 2017, p.116). Foi numa dessas flanadas, quando estava em Las Vegas, que o jornalista brasileiro descobriu uma comunidade que morava no subsolo das ruas e avenidas, em galerias fluviais que também são usadas por caminhões da prefeitura para manutenção da rede de luz de uma das cidades mais iluminadas do mundo. Ao descer lá, acompanhado de um morador que conheceu em uma de suas andanças, o jornalista se deparou com uma comunidade inteira de desabrigados que moram há anos no local. Ao ouvir a exclamação de espanto da fotógrafa que acompanhava Azevedo, dizendo que naquele local deveriam existir muitos ratos e baratas, uma moradora, que cozinhava ali por perto, exclamou: "As únicas baratas nesse lugar são vocês, seus estrangeiros terroristas!" (Azevedo, 2012, p.213).

Ao longo da narrativa são diversas as histórias contadas por Azevedo a partir de suas flanadas, sendo que, como aponta Ritter (2015) o uso do humor é uma das características mais marcantes do texto. Pode-se dizer que o jornalista assimilou o ato de flânar no sentido dado por outro jornalista-escritor brasileiro: João do Rio, que apresentou a seguinte definição para o termo, que tem origem na língua francesa.

Flânar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flânar é ir por aí, de manhã, de dia e à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali na esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, conversar com os

cantores de modinha nas alforjas da Saúde, depois de ter ouvido os diletantes aplaudirem o mau tenor do Lírico numa ópera velha e má [...] (RIO, 2012, p.22).

Ao contrário de Dodô Azevedo, que explorou várias cidades, Airton Ortiz escreveu um livro sobre flanadas em apenas um destino: Nova York, a cidade que dá título à obra. Entretanto, o jornalista e escritor adotou um estilo diferente dos anteriores. Ortiz literalmente flanou pelas ruas de Nova York para apresentar a cidade a partir de passeios feitos pelo autor, divididos por região geográfica. Quando fala sobre a Estátua da Liberdade, por exemplo, ele não conta a história do monumento de forma didática ou entrevistando especialistas que comentam o principal ponto turístico da cidade, mas sim, narra em primeira pessoa como foi a sua flanada pelo local. "Agora há uma longa espera. Comprar ingresso nas bilheterias do Castle Clinton se tornou um jogo de paciência" (Ortiz, 2015, p.3).

Outra diferença de Ortiz em relação à Verissimo, Alvares e Azevedo, é que ele se especializou em livros-reportagens com narrativas de viagem, assim, o leitor já sabe que ao pegar uma de suas obras ele irá flanar pelos diferentes destinos visitados pelo autor. Até 2017, Nova York era o único destino das obras escritas pelo jornalista-escritor localizado nos Estados Unidos. Aliás, a cidade acaba se tornando perfeita para se flanar sem ser percebido, pois além de ser uma das mais cosmopolitas do planeta, também apresenta os mais variados tipos de imaginários: é a cidade grande, cenário de filmes, com uma ilha que divide milionários e pobres com um parque verde ilhado por arranha-céus e histórias inacreditáveis acontecendo em vários lugares ao mesmo tempo. E flanando por elas, a surpresa pode ser encontrada a qualquer instante, "desde que se esteja distraído, desde que esse caminhar possa estar receptivo ao inesperado" (Frاندoloso, 2017, p.114). E o inesperado, na narrativa de Ortiz, está presente em diversos trechos, como no seguinte, em que o

jornalista gaúcho se depara com uma combinação culinária inusitada em uma quermesse que estava acontecendo em uma escola próxima a Broadway:

Mesmo assim, arrisco ficar por aqui. Já passa do meio-dia e resolvo provar um Texas B.B.Q. Compro o sanduíche de carne desfiada, um assado muito precário, que vem acompanhado por cebola e picles. Pego uma fatia de melancia como sobremesa e me sento num balcão coletivo, embaixo de um guarda-sol. Texas *barbecue*. Churrasco. Com melancia! (ORTIZ, 2015, p.106)

Assim como os outros autores mencionados anteriormente, Ortiz apresenta a sua própria visão sobre os Estados Unidos. Pode-se afirmar, assim, que a flanada de cada um dos jornalistas-escritores resulta em histórias diferentes e em visões completamente distintas, mesmo que sendo feitas no mesmo país ou até mesmo na mesma cidade.

Desta forma, vale a pena retomarmos a nossa questão norteadora de pesquisa: que características apresentam obras escritas por jornalistas brasileiros sobre os Estados Unidos? Ora, em todos os casos apresentados, o viés flâner se faz presente e é o norte da narrativa. Ou seja, os autores-jornalistas andam sem destino certo, buscando descobrir boas histórias ao acaso para montam o seu enredo. E quais são as características dessa narrativa? Vale a pena recorrer a Villas Boas (2008) para respondermos a tal questão. Mesmo sendo uma obra de não ficção, as narrativas aqui descritas apresentam um narrador e um espaço narrativo, elementos fundamentais para o Jornalismo Literário. Tanto os narradores e os espaços variam: enquanto Dodô cruza o país fazendo um trajeto, Alvarez visita o interior americano por outro trajeto. Ou seja, há a liberdade inventiva de cada autor. Nos quatro casos, os autores têm uma voz narrativa autoral, valem-se do espaço e do tempo para dar ênfase aos fatos descritos e apresentam uma versão em que garantem a realidade dos fatos. Diante disso, outra característica comum em todos os textos é a

voz autoral, afinal, “tudo depende do narrador” (Villas Boas, 2008, p.31). Além disso, todos eles optaram por narrar em primeira pessoa, afinal, eles mesmos atuam como autores, narradores e *flâneurs*.

## Encerrando a flanada

Ao mesmo tempo em que o Jornalismo Literário se propõe a abordar de maneira diferenciada algumas das temáticas tratadas pelo jornalismo hegemônico, a perspectiva do *flâneur* passa a ser uma ferramenta para que essa narrativa possa ter aspectos alternativos, principalmente quando ela é feita na vertente do Jornalismo Literário de Viagem. No entanto, assume-se aqui que apesar de terem sido identificadas características do ato de flunar nos textos, no sentido recuperado por Frandoloso (2017), nas cinco obras analisadas, essa não é a única possibilidade de se produzir um livro-reportagem viagem. Não obstante, o fato de quatro jornalistas brasileiros que escreveram obras a partir de viagens feitas aos Estados Unidos terem incluído as suas flanadas pelas cidades americanas em suas narrativas é revelador.

Primeiro, porque todos eles se valeram de um aspecto importante para flunar: o anonimato. Conforme Frandoloso, esse é um elemento fundamental para o *flâneur*, pois é apenas nessa condição que ele pode “frequentar todas as eventualidades dos meios e, neles, exercer o enriquecimento de seu mundo particular por meio da diversificação de suas experiências” (Frandoloso, 2017, p.124).

Segundo, porque cada um deles estava em busca de algo que não poderia ser alcançado através de um plano pré-definido ou de entrevistas agendadas. Erico Verissimo anda pelo país tentando entender o que acontecia com os americanos que não estavam no campo de batalha da Segunda Guerra Mundial. Rodrigo Alvares fugiu de Washington e de outros destinos tradicionais para tentar entender o que o americano do interior pensava da eleição do primeiro presidente negro da história do país, especialmente em regiões conhecidas por terem problemas de ra-

cismo. Dodô Azevedo, por sua vez, tentou encontrar o que havia sobrado sobre a cultura *beat*, que ainda hoje mexe com o imaginário de milhões de fãs de Jack Kerouac, Ginsberg, Bukowski e outros, que seguiram tentando praticar o estilo criado pelo movimento do final dos anos 1950. Enquanto que Airton Ortiz caminha por todos os bairros de Manhattan tentando captar o que há de oculto por trás do imaginário midiático que gira em torno de Nova York.

Além disso, estas são obras que podem ser consideradas Jornalismo Literário de Viagem. Todas as narrativas foram escritas por jornalistas, em primeira pessoa, e abordam de maneira diferenciada o mesmo país: os Estados Unidos. No mesmo sentido, mesmo todas apresentando trechos em que os seus autores estão flunando pelas cidades, as histórias e os estilos são variados, o que demonstra que ainda há espaço para muitas produções do mesmo tipo, mesmo tendo palco idêntico aos dos autores apresentados. Ou seja, cada narrativa escrita a partir de uma flanada sempre será diferenciada das demais. E, no campo do Jornalismo Literário de Viagem, isso torna inesgotável a produção desse estilo, ainda não tão explorado, especialmente no Brasil.

Destarte, conclui-se essa etapa salientando o interesse dos pesquisadores pela temática e destacando que essa foi apenas uma de tantas flanadas na pesquisa. Espera-se que outros também possam beber da fonte do Jornalismo Literário de Viagem para flunar livremente pelos estudos do Jornalismo e, em especial, do Jornalismo Literário.

## Referências

- ALVAREZ, Rodrigo. **No país de Obama**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- AZEVEDO, Dodô. **Fé na estrada** – Seguindo os passos de Jack Kerouac. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário**. Florianópolis: Insular, 2013.

FRANDOLOSO, Luis Fernando. **O flâneur e as ruas - Fotógrafos e seus dispositivos na captura do acaso**. Curitiba: Appris, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

LEÃO, Sinval de Itacarambi. "As histórias de Ruy Castro". São Paulo: **Revista Imprensa** (nº325), 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário - tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

OTIZ, Airton. **Nova York**. São Paulo: Saraiva, 2015.

RIO, João do. **A alma encanadora das ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RITTER, Eduardo; PAULA, Inácio de; MARQUES, Fernanda; CABRAL, Ewerton; VILANOVA, Isadora; ANDRADE, Thaina. (2017). "Jornalismo Literário de Viagem Internacional: Um Panorama do Cenário Brasileiro". Caxias do Sul: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2017.

RITTER, Eduardo. "A influência da contracultura norte-americana no jornalismo literário brasileiro contemporâneo". Itajaí: **Vozes e Diálogo**, volume 12, número 1, 2015.

RITTER, Eduardo. **A tribo jornalística de Erico Verissimo**. Ijuí: Unijuí, 2016.

\_\_\_\_\_. "Israel em abril: uma narrativa de viagem de Erico Verissimo na interseção entre jornalismo e literatura". Sorocaba: **Revista Tríade**, volume 4, número 8, 2016b.

SILVA, Juremir Machado. **O que pesquisar quer dizer - como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

VERISSIMO, Erico. **A volta do gato preto**. São Paulo: Globo, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Gato preto em campo de neve**. São Paulo: Globo, 1996b.

VILLAS BOAS, Sergio. **Jornalismo literário - um percurso filosófico**. São Paulo: Texto Vivo, 2008.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: LP&M, 2010.

**Eduardo RITTER** - Professor Adjunto do Departamento de Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa PDSE na New York University (Estados Unidos). **E-mail:** rittergaucho@hotmail.com

**Thâmara Roque dos Santos SOUSA** - Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Radialismo e Relações Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Arte, Educação e Sociedade, pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (Cintep). Assessora de comunicação da Ouvidoria Geral do Município de João Pessoa (OGM/PMJP) e Social Media. **E-mail:** thamararoque@hotmail.com

**Recebido: 26 ago. 2017**

**Aprovado: 15 jul. 2018**